

III DOMINGO DA PÁSCOA (ANO B)

1. Neste tempo de Páscoa é preciso reconhecer as encruzilhadas em que cada cristão se pode encontrar com Cristo. Há muitas estradas de Emaús. São os lugares onde, no meio das maiores dificuldades, o Senhor Jesus Cristo Se revela. Foi assim com os discípulos na tempestade do lago, onde eles julgaram que Jesus era um fantasma; foi assim quando os filhos de Zebedeu O consideraram apenas uma oportunidade para se tornarem alguém no reino da Terra; foi também assim quando no caminho de Emaús os dois discípulos julgaram viverem uma terrível desilusão, porque Ele morreu (diziam) e já tinham passado três dias.

Os cristãos também têm dificuldade em reconhecer Cristo Ressuscitado quando o sofrimento lhes bate à porta, quando não conseguem alcançar os objectivos, quando as esperanças outrora sonhadas não se concretizam.

Vale a pena aplicar à vida o acontecimento dos discípulos de Emaús que só reconheceram Jesus no partir do pão. Ao aperceber-se de que era Ele, correram a Jerusalém para O anunciar à comunidade (**Evangelho**).

2. Em todos os tempos o povo de Israel teve dificuldade em aceitar os sinais de Deus. Por isso, na liturgia deste dia, Pedro, ao falar em Jerusalém, sentiu necessidade de recordar qual era a tradição de Israel. De facto, o antigo Povo de Deus não reconheceu o Salvador e acabou por matar Aquele que, depois, voltou à vida. Pedro afirma-se, então, testemunha da Ressurreição de Cristo (**primeira leitura**).

É necessária a amnistia completa, e o novo Povo de Deus experimenta um tempo diferente, um tempo de perdão de todos os caminhos percorridos, longe da presença e do projecto de Deus (**segunda leitura**).

A Estrada de Emaús

3. O realismo da descrição feita por Lucas no Evangelho revela a profunda desilusão que aqueles discípulos sofreram. E sua confiança estava naquele Homem que seguiam há vários anos. Acontece, porém, que foi morto pelos sacerdotes do Templo e pela justiça romana. Ainda esperaram qualquer coisa mas, como nada acontecera, regressaram ao trabalho do campo, na aldeia de Emaús. Um outro viajante acompanhou-os, partilharam o seu infortúnio, leram com Ele as Escrituras, mas o seu coração estava fechado. À porta de casa sentiram amizade e ternura pelo companheiro de viagem, tendo sido o primeiro gesto de ressurreição. O viajante aceitou o convite e sentou-Se com eles à mesa. Ao repartir do pão, reconheceram que era Jesus. Afinal O Senhor Jesus estava ali com eles, não era um fantasma. Apesar do cansaço, ninguém os parou. Correram a Jerusalém, para dizerem a todos que Jesus ressuscitara. Ele apareceu a várias pessoas. “Ele já apareceu a Simão”, confirmaram os Apóstolos.

Esta história contada muitas vezes tem sempre novos motivos e contornos: a desilusão, a dúvida, o diálogo, a dúvida continuada, um toque de ternura, um convívio à mesa, a descoberta de Cristo vivo que estará para todo o sempre, presente na comunidade dos irmãos, dos cristãos.

O Senhor Jesus, à semelhança da missão dada aos Apóstolos, confia também aos cristãos, a todos os cristãos que, pela vida e pela palavra oportuna têm de testemunhar a sua Ressurreição.

O Perdão Total

4. Todos os humanos, judeus ou gregos, homens ou mulheres, servos ou homens livres, todos são pecadores.

O pecado outra coisa não é do que a recusa do projecto de Deus. Assim sendo, compreende-se que o evangelista João, na sua primeira carta, reafirme um perdão universal. De facto, Deus está repassado de amor, e esse amor atinge todos os homens e mulheres.

A liturgia deste domingo dá-nos esta garantia, e é por isso que, reconhecendo Jesus Ressuscitado, sentado à mesa connosco, não temos outra alternativa senão anunciar a todos os que vivem connosco e à comunidade onde estamos inseridos, a justiça, o amor, o perdão - valores que emanam do coração de Deus para as nossas vidas.

O fundamental da mensagem do Ressuscitado é o arrependimento e o perdão dos pecados devendo ter presente que o perdão de Deus exige arrependimento por parte do penitente e, por força do arrependimento, deve haver o propósito de emenda que vem a transformar a vida, para ser diferente no futuro.

Pedimos, vezes sem conta: “Perdoai-nos, assim como nós perdoamos...”. O cristão, à semelhança de Cristo, deverá perdoar sempre, em todas as circunstâncias, e não ter rancor; não dizer “eu perdoei mas não esqueço”. Perdoar e continuar melindrado não são compatíveis, são contrários ao verdadeiro espírito cristão.

Que bom é saber que Deus perdoa sempre! O sacramento da Reconciliação outra coisa não é do que a confirmação de que o Senhor nos perdoa porque nós perdoamos uns aos outros. É a recriação do “Pai Nosso” (Mt 6,11).

Votos de um bom e abençoado fim de semana, passado no respeito pelas regras das autoridades da saúde.

António Costa Pires